

O boto da narrativa e a narrativa do Boto

The boto of the narrative and the narrative of the Boto

Claudia Vanessa Bergamini¹

Resumo: Proponho, neste artigo, a análise de textos da produção do poeta popular paraense Antonio Juraci Siqueira, o Boto. Justifico essa escolha por se tratar de um disseminador da cultura amazônica, já que em suas produções há ecos linguísticos, culturais, lendários e populares da Amazônia paraense; assim, busco dar aos textos do autor um lugar de voz, um espaço em que possa haver uma legitimação acadêmica para esses valores de produção popular, oriundos de uma tradição, pois em cada região do Brasil há escritores, em verso e prosa, inseridos no meio do povo, em cujas composições residem lendas, mitos e fatos reais que chegam em linguagem simplória, carregada de significação. Por meio dessa linguagem, são construídas histórias apoiadas em uma concepção de mundo específica e na tradição popular, e são, pois, essas características abordadas neste estudo.

Palavras-chave: narrativas populares; cultura amazônica; tradição popular.

Abstract: In this article, I propose the analysis of texts from the production of the popular poet Antonio Juraci Siqueira, also known as the Boto. I justify this choice because he is a disseminator of Amazonian culture, since in his productions there are linguistic, cultural, legendary and popular echoes of the Pará Amazon. Thus, I seek to give the author's texts a place of voice, a space in which there can be an academic legitimacy for these values of popular production, arising from a tradition. In each region of Brazil there are writers, in verse and prose, inserted among the people, whose compositions embody legends, myths and real facts that are conveyed in a simple language, full of meaning. Through this language, stories are constructed based on a specific conception of the world and on popular tradition, and these are the characteristics addressed in this study.

¹ Professora de Teoria Literária e Literatura Comparada da Universidade Federal do Acre. Doutora em Letras (Literatura e Vida Social) pela UNESP/Assis e Mestre em Letras (Estudos Literários), pela UEL. Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K42> Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3528-7465> E-mail: claudia.bergamini@ufac.br



Revista do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL –ISSN 1980-4504
DOI: XXXXXXXX

Keywords: popular narratives; amazonian culture; popular tradition.

Boitatá, Londrina, 2023
Recebido em: 01/06/2023
Aceito em: 22/01/2024



BOITATÁ, Londrina
<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

O boto da narrativa e a narrativa do Boto

Claudia Vanessa Bergamini

1 Quem é o Boto?

El indígena remaba parejo, de pie, en la popa de la delgada embarcación.
(Luís Sepúlveda, *Un viejo que leía novelas de amor*)

Iniciar este artigo com a epígrafe de Luis Sepúlveda foi inevitável, uma vez que a imagem do poeta Antonio Juraci Siqueira ressoa em minha memória tal qual a do indígena a que se refere o texto. Em um de seus poemas escreveu que “E em cada rosto caboclo existe um índio escondido, enclausurado em si mesmo, discriminado, oprimido, escravo em sua própria terra trazendo o grito de guerra no coração reprimido” (Siqueira, 2007, p. 92) e ficou em mim a imagem forte desse caboclo que também representa o escritor. Marajoara das margens do Cajari (Afuá, Pará), o Boto, como é conhecido Antonio Juraci, de menino teve contato com a literatura de cordel, daí emanou seu interesse por outros gêneros literários que ele vem produzindo ao longo da vida, a saber, trova, cordel, conto, crônica e poema. Com mais de 80 títulos publicados de forma independente e uma produção ativa, sobretudo nas redes sociais², ele tem Licenciatura em Filosofia pela Universidade Federal do Pará, estado em que vive e ainda atua como professor de Filosofia e de Sociologia, participa de vários institutos lítero-culturais, performista, oficineiro de literatura e contador de histórias. Trata-se de um poeta referência em Belém e em grupos nacionais, a exemplo da UBT, União Brasileira de Trovadores, em que se filiou há mais de 40 anos.

Embora conte com 80 livros publicados³ e atividades várias ligadas à disseminação da cultura amazônica, da trova, da prosa, da poesia, no âmbito acadêmico, o nome de Antonio Juraci Siqueira não costuma circular no âmbito acadêmico; ou melhor dizer, já circulou,

² Seguem os acessos às redes sociais do poeta: *Instagram*: (Antonio Juraci Siqueira, [2023b]). *Facebook*: (Antonio Juraci Siqueira, [2023a]).

³ Três de seus livros estão disponíveis na *Amazon*, são eles: *Simplesmente Belém!* (Siqueira, 2013), edição de 2013; *Aumentei, mas não menti* (Siqueira, 2016a), edição de 2016; *Belém nossa de cada dia: Crônicas* (Siqueira, 2016b), edição de 2016; este pode ser baixado gratuitamente no *Kindle*.



quando Ivone Caldas Carvalho, em 2015, em sua dissertação, estudou os saberes do imaginário amazônico na formação e na produção do poeta. Merecedor de louvores o trabalho defendido por Carvalho, na Universidade Federal do Pará, no qual a ênfase recaiu sobre as significações que a performance e o texto do poeta ativam na memória coletiva do público, em específico, dos estudantes, momento em que o ouvinte do poeta se depara com um “disseminador da cultura amazônica, já que em suas produções há ecos linguísticos, culturais, lendários e populares da Amazônia paraense” (Carvalho, 2015, p. 146). Cito ainda o artigo ‘Eu, o Boto: o imaginário das águas na mitopoesia de Juraci Siqueira’ (Arrais; Silva, 2018), de autoria de Sabrina Augusta da Costa Arrais e Silvia Sueli Santos da Silva, inserido nos *Anais do II Encontro Nacional de Etnocologia*. As autoras desenvolveram a análise explorando a vastidão de imagens incorporadas nos versos do poeta, imagens estas que, segundo Arrais e Silva (2018), se legitimam nas configurações culturais múltiplas, nas quais o homem se encontra mergulhado desde os tempos arcaicos.

À exceção dos dois trabalhos desenvolvidos no âmbito acadêmico, não alcancei outros estudos que se dedicassem a algum aspecto da poética do Boto paraense.

Além da ausência de um olhar mais apurado a poetas que, a exemplo de Siqueira, emanam do povo e a ele especificamente se dirigem, a escolha por analisar neste artigo textos da produção desse Boto poeta se justifica por se tratar de um disseminador da cultura amazônica, já que em suas produções ressoam os ecos de um povo, de uma cultura, de uma manifestação linguística da Amazônia paraense. De tal modo, ao me deparar com os textos por ele produzidos, entendi que, de fato, ele é o que diz ser, o filho do Boto, e o poeta explica: “o encantamento dessa frase carrega crítica e reflexão” (Costa, 2016), e continua sua explicação por um viés sociológico em que observamos a verdade do Boto:

[...] a minha “mãe” é a Amazônia e o “boto” em questão é o Capitalismo, esse moço bonito que nos seduz, nos enraba e depois nos abandona prenes de dívidas e dúvidas. É o mesmo boto que em tempos idos, travestido de regatão, comia nossas tapuias em troca de um corte de chita ou de um vidro de perfume. E a “minha mãe”, a exemplo da “Mama África” do Poeta, também é mãe solteira, também foi e continua sendo estuprada e emprenhada por esse boto malino, tanto física quanto cultural e economicamente. Ontem, na base do “dá ou desce”, a ferro e fogo; hoje, na mesma base, só que com armas muito mais sofisticadas, sedutoras e eficientes.



Na explicação de Siqueira, é perceptível a consciência em relação à exploração da região em que ele vive, e vislumbramos que, ao menos esse Boto, se vale de uma arma, não sedutora, sofisticada e eficiente, como o Capitalismo, mas da palavra, por meio da qual ele constrói suas reflexões. A “Mama África do Poeta” é referência à letra Mama África, canção de 1994 de Chico César, por meio da qual o compositor narra a vida de tantas mulheres de São Paulo e, por extensão, do Brasil. Mulheres estas que vivem para a servidão em todos os sentidos, sem, no entanto, deixarem de oferecer aos seus a generosidade materna.

Siqueira fez parte de um dos episódios do quadro *Me leva, Brasil*, do jornalista Maurício Kubrusly, foi então que em âmbito nacional ficou conhecido como ‘Filho do Boto’. No entanto, desde 1989 ele já era, em sua cidade, o Boto; o tempo passou e o Boto paraense continuou a assim ser tratado no Pará e em outros estados do Norte, onde ecoam suas histórias.

O boto é um ser que se transforma e sua figura múltipla não se limita ao mito que, mais comumente, circula nos livros infantis. Na região amazônica, essa multiplicidade pode ser vista na interação entre o boto e os pescadores; nas narrativas que transformam o boto em homem que circula entre o povo nas festas e seduz as moças, enfeitando-as; ou ainda nos terreiros de religião de matriz africana, nos quais o boto é uma entidade:

[...] ligada à linha do fundo da Encantaria (aqui empregamos os termos “religiões de matriz africana” e “encantaria” no sentido dado pelos estudos de religião; “linha do fundo” é um termo nativo mobilizado para se referir à linha de trabalho com os encantados na Amazônia marajoara) A Encantaria amazônica nos oferece, neste contexto, diferentes contrastes; entre este mundo e o outro, ou entre o aspecto maléfico e perigoso dos botos, de um lado, e, de outro, as alianças traçadas com eles em suas manifestações como guias espirituais” (Vasconcelos; Süsskind, 2020, p. 17-18).

Essas perspectivas distintas sobre o boto amazônico entrelaçam diferentes horizontes narrativos e em um desses horizontes está Antonio Juraci Siqueira, o Boto, com suas histórias. E como todos nós somos feitos de histórias, este artigo se ocupa de analisar narrativas, histórias nas quais o Boto circula, eternizando-se na memória do leitor.

Minha escolha poderia ter pendido para outros escritores situados na Amazônia, sobretudo aqueles cujo nome já circula em âmbito nacional, a exemplo de Milton Hatoum.



Não se faz novidade dizer que a escolha é permeada de subjetividade (Bloom, 1995), haja vista que a seleção das obras e autores passa pela ideologia, pelo gosto, pelo crivo e pelo conhecimento de quem irá escrever sobre elas. Perrone-Moisés (1998) apontou para a mesma direção, enfatizando que a história da literatura não se faz isenta de valor e escolha, haja vista que nela está implicada uma noção de natureza literária. “Grosso modo, pode-se afirmar que é dominante na historiografia literária brasileira a arbitrária correspondência entre natureza literária e a história da escrita e da imprensa, de modo que suportes não impressos de circulação do texto literário são tergiversados e até excluídos das histórias literárias” (Fernandes, 2012, p. 137). Essa reflexão fizemos não com a pretensão de discutir que obra ou não deva ser considerada dentro do cânone nacional. Por si, discutir isso já demandaria páginas e páginas devido à sua extensão e complexidade, como bem tratam obras que se voltam ao tema; a esse respeito sugerimos um artigo interessante de Eduardo Coutinho (1996), ou artigo também interessante de Luiz Roberto Cairo Veloso (2001).

À contramão de desejar ampliar o debate, busco com este artigo um lugar de voz, um espaço em que possa haver uma legitimação acadêmica para esses valores de produção popular, oriundos de uma tradição, pois em cada região do Brasil nos deparamos com escritores, em verso e prosa, inseridos no meio do povo, em cujas composições residem lendas, mitos e fatos reais que nos chegam em linguagem simplória, carregada de significação. Por meio dessa linguagem, são construídas histórias apoiadas em uma concepção de mundo específica e na tradição popular.

Tecidas essas considerações, passo agora a tratar dos excertos extraídos das composições de Antonio Juraci Siqueira, com o objetivo de valorizá-las e voltar o olhar para os aspectos da cultura amazônica que se fazem latentes no enredo que o escritor vai tecendo às margens dos limites entre a lenda e a realidade.

2 O Boto contador de histórias

Dentre os tantos livros publicados, de forma independente por Antonio Juraci Siqueira, é possível verificar a presença do contador das histórias em muitas delas.



Na narrativa ‘Eu, o Filho do Boto’⁴, do livro *Histórias à beira-rio*, notamos a presença de um narrador em primeira pessoa que vai justamente explicar ao leitor a origem dessa alcunha, filho do Boto. A narrativa inicia com um introito de que o narrador se vale para contextualizar o leitor. De tal modo, lemos:

Entre as figuras mitológicas que povoam o imaginário popular amazônico, a do boto, sem sombra de dúvida, está entre as mais conhecidas. É quase impossível encontrar alguém, tanto na cidade quanto no interior, que não conheça a história do ‘rapaz de branco’ que dança nas festas e emprenha as caboclas por ele mundiadas. Um genuíno caboclo sedutor com seu inseparável chapéu de abas largas que esconde parte de seu rosto enigmático e o buraco que tem no meio da cabeça. Este intróito, como diria Kail Dubond, é para contar de que maneira eu me tornei ‘o filho do boto’ (Siqueira⁵).

Na leitura do excerto, verificamos o narrador que se coloca na história, assume a autoria do que narra e, inclusive, deixa claro que só escreveu essa parte do texto com um único fim, contar sua história. Na sequência, temos um tom quase de causo, por meio do qual o narrador apresenta o espaço da narrativa e marca temporalmente o fato.

Em 1989, salvo engano, escrevi um poema para participar de uma programação do “dia das bruxas”, na Casa da Linguagem e o illustrei com a figura de um homem vestido de branco e chapéu na cabeça, saindo de dentro d’água. Tirei várias cópias e fixei uma delas na parede do açougue onde trabalhava, no bairro da Condor. Certo dia uma mocinha entra no açougue e depara com o dito poema sugestivamente nomeado: “Eu, o Boto”. Lê o poema, fita a figura por uns instantes, lança um olhar comparativo entre eu e o rapaz de branco e pergunta: (Siqueira).

A partir desse ponto do texto, o narrador se vale do discurso direto e dá voz à mocinha que vai travar uma conversa com ele. A moça pergunta “É o senhor?”, ao passo que ele, para não perder a oportunidade, responde afirmativamente. Nesse momento, é perceptível como a presença do mito do Boto se faz latente entre os povos amazônicos, nesse caso, da

⁴ Conforme já sinalizado, os livros do autor são produções independentes com número de exemplares reduzidos, por isso, muitos com edição já esgotada. Recebi dele, via *e-mail* e *WhatsApp*, todos os textos aqui mencionados, os quais disponibilizo integralmente ao final, com a devida autorização do autor para esta publicação.

⁵ Recebi do autor, via *e-mail* e *WhatsApp*, todos os textos aqui mencionados, os quais disponibilizo integralmente ao final, com a devida autorização do autor para esta publicação. As demais citações serão, portanto, indicadas apenas com o sobrenome do autor.



Amazônia paraense. No entanto, vale destacar que “a interação com o referencial mítico se dá por meio de experiências particulares, e não de uma coletividade etnicamente definida” (Lima, 2013, p. 195). Dito de outro modo, são as experiências de cada um ou de cada grupo que legitimam a crença no Boto. Já há muito que estudos apontam para o fato de a construção do “mito do Boto ocultar temáticas que encobriam a luxúria e a lascividade de homens que utilizavam da situação patriarcal para praticar relações fora dos laços matrimoniais e incestos” (Fonseca; Costa, 2020, p. 13). Por isso, podemos dizer que a crença está ligada à experiência da pessoa, família ou grupo.

A moça hesitou um pouco em acreditar, mas logo começou a defender a existência do Boto e a contar uma história, que o narrador reproduziu: “seus pais, oriundos do interior, já viram não uma, mas diversas vezes o tal rapaz. Seu pai, hoje morando em Belém, chegou mesmo a dar um tiro de espingarda no maroto que atirou-se n’água como gente e foi boiar lá na frente, já na pele de um boto tucuxi”.

Por meio do discurso indireto, confirmamos a crença da moça e de sua família; crença esta que, metonimicamente, ampliamos para a comunidade, pois não se trata o mito de uma teoria irreal ou mesmo uma criação fantasiosa. Eliade (2016) afirma ser o mito uma realidade viva, uma vez que é vivido por uma comunidade ou indivíduo e, de tal maneira, é considerado verdadeiro por estar estritamente imbricado à realidade daquelas pessoas. Também Lima (2013) chama atenção pelo fato de ser uma tradição dos botos provocarem medo, serem animais malinas e gaiatos, haja vista terem poderes sobrenaturais.

Ainda que o narrador conte que tentou persuadir a moça de que tudo era mentira, ela não acreditou e “passou a defender com veemência e convicção a existência do tal rapaz de branco”. Então, finaliza a narrativa de um modo bem-humorado, dizendo que “A partir daí e depois de ouvir outras histórias sobre a malina criatura, já não tenho convicção sobre minha verdadeira paternidade. Quem garante que meu pai, que Deus o tenha entre seus santos, não foi corneado pelo boto? Sei lá...” (Siqueira).

Em nosso entendimento, a narrativa de Siqueira advém de um fato da memória, reflete cenas do cotidiano por ele ter vivido em um universo do qual se torna cocriador.



A experiência de cocriador também percebemos em ‘De como o açaí deixou de ser veneno’, do livro *Histórias à beira-rio*. Narrada em primeira pessoa, o narrador busca na memória um fato do passado. E começa assim: “Das muitas histórias do arco da velha que ouvi quando criança, no Marajó, gosto desta, contada pelo tio Tavino, que explica por que o açaí não faz mal a ninguém. Nem mesmo quando tomado azedo, de um dia pro outro, sem nenhum processo de conservação” (Siqueira).

Observamos que a narrativa se constrói em torno do açaí, fruto abundante em vários estados do Norte do país, mas com maior concentração no Pará. A história do arco da velha faz parte da infância do narrador. O personagem, Tio Tavico, dizia “do alto de sua sabedoria cabocla, que o açaí não era veneno”, e o narrador se vale do discurso direto para dar voz ao personagem:

– No tempo em que Nosso Senhor Jesus Cristo andava pelo mundo, passando um dia, em companhia de São Pedro, por baixo de um açaizeiro, encontrou vários caroços espalhados pelo chão. Curioso, apanhou um caroço e roeu. Em seguida, cativado pelo sabor peculiar do fruto, resolveu abençoá-lo para que todos pudessem desfrutar de suas nutritivas qualidades. E foi assim, segundo o tio Tavino, que a partir daquele momento o açaí velho de guerra deixou de ser veneno (Siqueira).

No relato do personagem, a presença da religiosidade cristã está marcada. Caminha para longe nosso intuito de adentrar em aspectos religiosos, mas vale dizer que a Amazônia foi palco de um jogo de interesses entre o mercantilismo e o cristianismo português, cada grupo entrou em cena para impor aos povos originários todo um sistema de valores, crenças e padrões inteiramente opostos aos que conheciam ou adotavam.

Na sequência da narrativa, o narrador retoma o discurso para finalizar o texto.

Em minha infância de menino do interior, eu acreditava em tudo o que os mais velhos contavam sem contestação. Nunca quis saber o tipo de “grau” que liberava o açaí para o consumo e ficava imaginando Nosso Senhor Jesus Cristo, com sua longa túnica branca e pés descalços, andando pelas matas do Cajari sempre acompanhado do seu amigo Pedro. E era como se estivesse vendo o momento da bênção: O Divino Mestre agachado e proferindo as santas palavras com os lábios roxos de açaí... E que assim seja para sempre. Amém! (Siqueira).



Percebemos que o narrador agora adulto, embora não mais seja o menino do interior que em tudo acreditava, guarda uma memória doce, por assim dizer, desse episódio que se refaz como imagem de sua infância. Para finalizar, ainda que fique claro que, para o narrador, foi apenas a história lendária do tio Tavico, ele demonstra seu desejo de que a bênção continue.

Quanto à produção em verso, da vasta produção de Antonio Juraci Siqueira, a trova se destaca. A composição em redondilha maior com esquema de rimas ABAB introduz este texto em que Siqueira mistura prosa e verso para falar do Rio Cajari.

Quandoilhado entrealfarrábios,
sinto saudades de ti,
teu nome sai dos meus lábios
numa oração: CAJARI! (Siqueira).

No texto, intitulado ‘Meu rio’, um lirismo saudoso é perceptível nos versos, em que notamos um eu-líricoilhado, mas não da forma que gostaria de estar, em sua ilha de Marajó, às margens do rio Cajari,ilhado em um volume imenso de papéis, de tal modo que o rio é apenas lembrança.

Na sequência do texto, deparamo-nos com uma prosa poética delicada e cheia de imagens metafóricas que apontam para a relação entre o poeta e o rio.

À primeira vista pode parecer um rio comum, um rio como outro qualquer. Mas não é. Esse é um rio especial: é o rio Cajari, o meu rio. Ele nasce no vale da minha infância e desemboca sereno e caudaloso dentro de mim, dentro de minha memória, lavando minha alma, fertilizando meu coração, devolvendo a minha infância (Siqueira)..

Ainda que em prosa, a linguagem se apresenta com força poética, pois para falar da relação entre o rio e o narrador, as imagens vão sugerindo um amálgama entre eles. O rio é “a rua onírica onde o poeta perambula à cata de inspiração, onde o Boto mandingueiro vagueia nas noites enluaradas mundiando as cunhãs” e, por isso, está “diluído em minhas veias”.

O tom aqui mescla saudade e amor pelo espaço de onde emana inspiração e motivos para compor. Depois de apresentar-se como parte desse rio, o texto é finalizado com tom de



advertência para que não seja feito mal algum ao rio, porque farão ao próprio poeta, posto que são um desde o início dos tempos.

O rio é um elemento vivo na Amazônia, entre ele e ela há uma relação íntima e antiga a partir da qual fecundou de forma poética o imaginário dos indivíduos. No excerto da prosa de Siqueira, o rio é um elemento encantador que mescla a realidade concreta com memória e subjetividade do poeta.

3 Últimas palavras sobre o Boto

Mas nada peça fora do poema
Pois na vida só tenho a voz e o verbo
E nada sou além de sonho e pó.

Antonio Juraci Siqueira (1991).

As experiências humanas são infindas. Desde que nascemos, experimentamos. Cada um, porém, percebe o mundo à sua maneira, de forma que, para muitos, a infância é lembrada com pitadas de saudade, ao passo que outros a trazem efervescente, detalhada, viva dentro de si. Antonio Juraci Siqueira é uma dessas pessoas para quem a memória da infância se faz viva em poesia e em histórias, pois sua “canoa, de sonho e papel, cavalga nas ondas qual bravo corcel: Galope de flor sob as ondas do mar!”, como ele descreve em um de seus poemas de *Mares – poemas de argila e sol* (Siqueira, 2010).

A relação dele com o rio em cujas margens nasceu é intensa, o ambiente em que fora criado é o cenário inspirador de suas narrativas, o lugar de brincadeira, fonte de alimentação, meio de transporte.

Três foram os textos aqui analisados, conforme apontamos, eles são muitos, produzidos ao longo da vida do escritor, que hoje tem 73 anos. A escolha poderia ter recaído sobre textos com cunho mais político ou outros em que o humor se faz presente. Todavia, a intenção foi contemplar narrativas que trouxessem a lenda do boto por meio de palavras escritas por esse Boto paraense.

Nos excertos que aqui foram apresentados, foi perceptível a visão crítica do escritor quanto aos malefícios que a gana capitalista trouxe à Amazônia, toca-nos o olhar poético dele



sobre o rio e o modo como se coloca ligado a ele e, ainda, o tom jocoso ao conversar com a moça e ali surgir o filho do Boto, e filho de Boto também é Boto.

Antonio Juraci Siqueira permite ao leitor o sabor de compreender o mundo com simplicidade de palavras, compreender o espaço do qual fala, partindo do mito do Boto, presente no imaginário amazônico, que serve de fundo para as narrativas que perpassam a memória, vão da infância até a presença do rio que, para o povo amazônico, é vida, é trabalho, é locomoção, é sustento.

Finalizo com a ideia de que no vasto Norte do país ressoam vozes como as de Antonio Juraci Siqueira, das quais emana uma linguagem simples, delicada e reveladora do homem que interage com seu contexto para eternizá-lo em palavras.



Referências

ANTONIO JURACI SIQUEIRA. [**Perfil do facebook**]. Belém, [2023a]. Facebook: juraboto. Disponível em: <https://www.facebook.com/Juraboto>. Acesso em: 5 nov. 2023.

ANTONIO JURACI SIQUEIRA. [**Perfil do instagram**]. Belém, [2023b]. Instagram: @antoniojuracisiqueira. Disponível em: <https://www.instagram.com/antoniojuracisiqueira/>. Acesso em: 5 nov. 2023.

ARRAIS, S. A.; COSTA, S. S. S. Eu, o boto: o imaginário das águas na mitopoesia de Juraci Siqueira. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE ETNOCENOLOGIA, 2., 2018, Belém. **Anais [...]**. Belém: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará, 2018. Disponível em: https://proceedings.science/etnocienologia-2018/trabalhos/eu-o-boto-o-imaginario-das-aguas-na-a-mitopoesia-de-juraci-siqueira?lang=pt-br&check_logged_in=1#. Acesso em: 3 nov. 2023.

BLOOM, H. Uma elegia para o cânone. *In*: BLOOM, H. **O cânone ocidental: os livros e a escola do tempo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995, p. 23-47. Disponível em: <https://tonaniblog.files.wordpress.com/2017/03/o-canone-ocidental.pdf> Acesso em: 11 mar. 2024.

CARVALHO, I. C. **Literatura e educação na amazônia**: imaginário poético em Antonio Juraci Siqueira. 2015. 165 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará, Belém, 2015. Disponível em: <http://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/1492>. Acesso em: 3 nov. 2023.

COSTA, A. [Clipping] nós, os filhos do boto. **Colecionador de Sacis**, [Rio de Janeiro], 8 maio 2016. Disponível em: <https://coleccionadoresacis.com.br/2016/05/08/filhos-do-boto/>. Acesso em: 5 set. 2021.

COUTINHO, E. Literatura comparada, literaturas nacionais e o questionamento do cânone. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, Salvador, n. 3, p. 67-73, 1996. Disponível em: <https://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/37/38> Acesso em: 5 set. 2021.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2016.

FERNANDES, F. A. G. O atributo da voz: poesia oral, estudos literários, estudos culturais e abordagem cartográfica. **Revista da Anpoll**, Porto Alegre, v. 1, n. 33, dez. 2012. DOI 10.18309/anp.v1i33.633

FONSECA, T. B; COSTA, V. P. C. Narrativas amazônicas: representações do mito do boto nas narrativas dos moradores antigos da comunidade da missão Tefé-Amazonas. **Revista**



Internacional Interdisciplinar INTERthesis, Florianópolis, v. 17, p. 1-19, 2020. DOI:
<https://doi.org/10.5007/1807-1384.2020.e70131>

LIMA, D. M. O homem branco e o boto: o encontro colonial em narrativas de encantamento e transformação (Médio Rio Solimões, Amazonas). **Teoria & Sociedade**, Belo Horizonte, p. 173-201, 2013. Disponível em:
<https://bib44.fafich.ufmg.br/teoriaesociedade/index.php/rts/article/view/115>. Acesso em: 5 set. 2021.

PERRONE-MOISÉS, L. **Altas literaturas**: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos que a crítica ao discurso historiográfico. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

SIQUEIRA, A. J. **Aumentei, mas não menti**. São Paulo: Editora Paulinas, 2016a.

SIQUEIRA, A. J. **Belém nossa de cada dia**: crônicas. Belém: [s.n.], 2016b.

SIQUEIRA, A. J. De como o açaí deixou de ser veneno. *In*: SIQUEIRA, A. J. **Histórias à beira-rio**. Belém: edição do autor, s/d.

SIQUEIRA, A. J. Eu, o filho do boto. *In*: SIQUEIRA, A. J. **Histórias à beira-rio**. Belém: edição do autor, s/d.

SIQUEIRA, A. J. **Incêndios e naufrágios**: antologia poética. Belém: Paka-Tatu, 2007.

SIQUEIRA, A. J. **Mares**: poemas de argila e sol. Belém: Papachibé, 2010.

SIQUEIRA, A. J. Meu rio. *In*: SIQUEIRA, A. J. **Histórias à beira-rio**. Belém: edição do autor, s/d.

SIQUEIRA, A. J. **Simplesmente Belém!**: poemas sobre Belém, seus encantos e desencantos, compostos entre 1980 a 2013. 2. ed. Belém: Edições Papachibé, 2013.

VASCONCELOS, K.; SÜSSEKIND, F. Transformações do boto na Amazônia: relações transversais entre campos de conhecimento. **Anuário Antropológico**, Brasília, DF, v. 45, n. 3, 2020. DOI: <https://doi.org/10.4000/aa.6618>

VELOSO, L. R. C. Memória cultural e construção do canône literário brasileiro. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 4, n. 8, p. 32-44, 2001. Disponível em:
<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/10392>. Acesso em: 6 set. 2021.

Anexos

EU, O FILHO DO BOTO



Entre as figuras mitológicas que povoam o imaginário popular amazônico, a do boto, sem sombra de dúvida, está entre as mais conhecidas. É quase impossível encontrar alguém, tanto na cidade quanto no interior, que não conheça a história do “rapaz de branco” que dança nas festas e emprenha as caboclas por ele mundiadas. Um genuíno caboclo sedutor com seu inseparável chapéu de abas largas que esconde parte de seu rosto enigmático e o buraco que tem no meio da cabeça.

Este intróito, como diria Kail Dubond, é para contar de que maneira eu me tornei “o filho do boto”.

Em 1989, salvo engano, escrevi um poema para participar de uma programação do “dia das bruxas”, na Casa da Linguagem e o illustrei com a figura de um homem vestido de branco e chapéu na cabeça, saindo de dentro d’água. Tirei várias cópias e fixei uma delas na parede do açougue onde trabalhava, no bairro da Condor.

Certo dia uma mocinha entra no açougue e depara com o dito poema sugestivamente nomeado: “Eu, o Boto”. Lê o poema, fita a figura por uns instantes, lança um olhar comparativo entre eu e o rapaz de branco e pergunta:

– É o senhor?

E eu, que não perco uma oportunidade para dar asas à imaginação, com ar de desinteresse sussurrei:

– Sou...

A garota, como se fosse a coisa mais natural do mundo, completa a pergunta:

– O senhor é boto?

Agora, com ar de resignação pela minha sina incomum, confirmei:

– Sou...

Desta vez, não sei se surpresa ou duvidosa:

– É??!!

– Na verdade – continuei - eu não sou boto. Sou filho de boto. Minha família morava no interior, meu pai era canoeiro e vivia viajando. Mamãe ficava sozinha e um dia o boto “malinou” com ela...

– Foi??!!

Não tive coragem de continuar mentindo e disse-lhe que tudo não passava de brincadeira, que essa história de boto que vira homem é pura balela e coisa e tal, história pra boi dormir.

Mas, para o meu espanto, a garota não concordou. Pelo contrário: passou a defender com veemência e convicção a existência do tal rapaz de branco. Afirmou que seus pais, oriundos do interior, já viram não uma, mas diversas vezes o tal rapaz. Seu pai, hoje morando em Belém, chegou mesmo a dar um tiro de espingarda no maroto que atirou-se n’água como gente e foi boiar lá na frente, já na pele de um boto tucuxi.

A partir daí e depois de ouvir outras histórias sobre a malina criatura, já não tenho convicção sobre minha verdadeira paternidade. Quem garante que meu pai, que Deus o tenha entre seus santos, não foi corneado pelo boto? Sei lá...

(Do livro *Histórias à Beira-rio*)



DE COMO O AÇAÍ DEIXOU DE SER VENENO

Das muitas histórias do arco da velha que ouvi quando criança, no Marajó, gosto desta, contada pelo tio Tavino, que explica por que o açaí não faz mal a ninguém. Nem mesmo quando tomado azedo, de um dia pro outro, sem nenhum processo de conservação.

Tio Tavino afirmava, do alto de sua sabedoria cabocla, que o açaí não era veneno “por um grau” e explicava:

– No tempo em que Nosso Senhor Jesus Cristo andava pelo mundo, passando um dia, em companhia de São Pedro, por baixo de um açaizeiro, encontrou vários caroços espalhados pelo chão. Curioso, apanhou um caroço e roeu. Em seguida, cativado pelo sabor peculiar do fruto, resolveu abençoá-lo para que todos pudessem desfrutar de suas nutritivas qualidades. E foi assim, segundo o tio Tavino, que a partir daquele momento o açaí velho de guerra deixou de ser veneno.

Em minha infância de menino do interior, eu acreditava em tudo o que os mais velhos contavam sem contestação. Nunca quis saber o tipo de “grau” que liberava o açaí para o consumo e ficava imaginando Nosso Senhor Jesus Cristo, com sua longa túnica branca e pés descalços, andando pelas matas do Cajari sempre acompanhado do seu amigo Pedro. E era como se estivesse vendo o momento da bênção: O Divino Mestre agachado e proferindo as santas palavras com os lábios roxos de açaí...

E que assim seja para sempre. Amém!

(Do livro: *Os Novos Versos Sacânicos*)

Meu rio

Quando ilhado entre alfarrábios,
sinto saudades de ti,
teu nome sai dos meus lábios
numa oração: CAJARI!

À primeira vista pode parecer um rio comum, um rio como outro qualquer. Mas não é. Esse é um rio especial: é o rio Cajari, o meu rio. Ele nasce no vale da minha infância e desemboca sereno e caudaloso dentro de mim, dentro de minha memória, lavando minha alma, fertilizando meu coração, devolvendo a minha infância.

E não há decretos, leis, mandados nem resoluções que possam tirá-lo de mim. Ele está de tal maneira diluído em minhas veias que nenhuma força do mundo poderá secá-lo nem alterar





Revista do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL –ISSN 1980-4504
DOI: XXXXXXXX

seu curso. Você pode admirá-lo, banhar-se em suas águas mas não poderá apossar-se dele! Ele me viu nascer, banhou meu corpo, matou minha sede e me deixou brincar de canoieiro em suas águas plácidas tangendo meus barquinhos que hoje navegam na minha imaginação. Ele é a rua onírica onde o poeta perambula à cata de inspiração, onde o Boto mandingueiro vagueia nas noites enluradas mundiando as cunhãs. Portanto, tratem-no bem, pois o mal que a ele fizeram é a mim que farão, posto que somos um desde o início dos tempos.

Antonio Juraci Siqueira



BOITATÁ, Londrina
<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>